

Márcia Barbieri

O Exílio do Eu

ou a Revolução das Coisas Mortas



O Exílio do Eu

Ou a Revolução das Coisas Mortas

Contos escritos entre 2011-2016

Márcia Barbieri

APPALOOSA
Online Indie Publishing

Livro: AP0001

Barbieri, Márcia

O Exílio do Eu ou A Revolução das Coisas Mortas

Márcia Barbieri – São José dos Campos SP – 2017

Appaloosa Online Indie Publishing

Ilustração de Capa:

Burne-Jones, Edward Coley – 1833-1898 – UK

The Boston Public Library, Internet Archive | Public Domain

Produção:

Appaloosa Online Indie Publishing

Felippe Regazio

Este Livro Contém:

- . O Exílio do Eu ou a Revolução das Coisas Mortas
- . Sobre a Autora
- . Entrevista com a Autora

O Exílio do Eu

ou a Revolução das Coisas Mortas

Eram coisas minúsculas que me faziam não entender o mundo, como dois interruptores para apagar a mesma luz ou o som vindo da Ásia e saindo de uma caixa negra ou morangos mofarem tão rápido ou o gosto das pitangas serem tão parecidos com os das cerejas ou as flores que terminam em um falo ou a teta alimentar o universo ou um espelho esférico invertendo meu pânico ou dois homens se amando com o desespero que nunca conheci ou o amor ser um criadouro de moscas estéreis zunindo zunindo zunindo dó ré mi fá sol lá si cataclismas no meu cérebro larvas obesas ruindo a carne vespas negras no fundo do quintal ou o tédio enferrujado esburacando a manhã ou buchada ser uma iguaria ou crianças comendo testículos de bois ou um escorpião amarelo atravessando o deserto comendo a própria cria ou a diáspora das nossas mãos durante as masturbações ou bonecas infláveis serem tão perfeitas ou o ódio insano dos homens pelos touros ou a beleza dos chifres espiralados dos antílopes negros ou mulheres clonando-parindo como animais ou a disputa selvagem dos homens pela buceta das fêmeas. O pensamento

da aranha tecia absurdos sobre minha tíbia rótula patela minha vizinhança meus membros eram uma máquina de encaixes arruinados e eu era um ser obtuso e ter o crânio de um animal era o menor dos meus problemas. Coma logo a aranha antes que suas ideias se tornem matéria coma logo a aranha antes que ela teça a revolução coma logo a aranha antes que cem luas despenquem de suas patas peguem a faca e cortem o verbo ao meio só sobrar a ação. E nossa cópula fosse a união de mil garras, armistício, campo minado, fratura de invertebrados. Não entendi quando percebi que essas coisas pequenas entre as pernas num ângulo diálogo monólogo obscuro não fosse capaz de provocar asco, não entendi quando percebi que existiam idiossincrasias em todas as genitálias, eram todas tão diferentes uma das outras... Olhei de novo para minha e tive vergonha. De que espécie eu era? Por que meus buracos e seus contornos eram tão pavorosos? Ela era rosada e grande, uma membrana pesada e com bainhas desproporcionais os pelos cresciam em direções variadas perdidos entre uma ordem e outra. As estrias formavam ramificações difíceis de entender. Desviei o olhar, não gostava de encará-la por muito tempo. Eu jamais deixaria que ele me visse, não assim, onde eu não era normal, onde a duração do tempo se distendia nos meus pequenos-lábios, pensei na solidão dos ornitorrincos... na feiúra incompreensível

dos peixes abissais... nas dobraduras se desdobrando na minha pele fina. De novo os ornitorrincos e os peixes abissais. Eles como eu não eram daqui e eu pensei: é bem estranho ser estrangeira no próprio corpo é bem estranho ser estrangeira no seu país é bem estranho estar sitiada nas escórias da própria carne é bem estranho conhecer apenas as superfícies das coisas inanimadas.

Olhei para seus olhos castanhos e clamei, você que não me conhece não me deixe nunca sair da minha terra não me deixe pisar em outros solos áridos não quero conhecer outros países não quero conhecer outros dementes não quero lambar a falência de outro corpo não quero sentar na rigidez de outro pau não quero enrolar minha língua em outras línguas não quero ter certeza que a felicidade não existe em parte alguma, quero ter essa esperança rasa de que em alguma parte o ar é rarefeito, as palavras são todas francesas e a lama é branca...

Você me olha com um olhar idiotizado, o olhar de todo homem que já passou dos trinta e eu desfaleço. Você podia me fazer parar, agarrar meus pulsos, amarrar minhas mãos nas grades da cama. Você não faz nada, só me olha, um gato paralisando sua presa. Retiro a armadura do eu penduro na parede texturizada grandes rosas secas arabescos que não existem mais a arquitetura falida nostalgia rococó retiro as carrancas retiro as

máscaras japonesas enfio o dedo na sujeira do umbigo retiro os caranguejos da minha última morte retiro a penugem do buço agora sou não eu essa cor opaca massa mole matéria quase morta parecendo o abdômen de um inseto ou um incesto de dois irmãos.

Você sussurra no meu ouvido surdo labirinto bigorna eu eu eu eu o eco ensurdecador de todas as suas ideias olho seu palato em decomposição e você continua agora num grito sufocado eu eu eu e eu coloco a corda frouxa e suicida em torno do seu pescoço vejo a língua enrolada e a baba grossa de um epilético. Você sopra no meu olho sem cílios eu eu eu e recorda um velho refrão cavalos cavalgam na cartografia do seu dorso—cavalos negros selvagens cavalgam no seu leito— mas isso não é importante—o eu está morto. Sou uma massa amorfa e coalhada e o sol apodrece minhas vértebras e o líquido que me tirou das penúltimas meninges explode na minha garganta há um pêndulo enferrujado entre minha laringe e minha traqueia falar não é tão indolor quanto parece ainda mais nesse lugar suspenso onde cada palavra cai um rifle ainda mais nesse campo de marionetas onde não perdura a consciência íntima do tempo.

O Jardim Branco

Olho para o céu e vejo Deus transformado em um pássaro negro de origami e ele devora a carne verde que se forma em volta da minha carcaça e ele vai espalhando no músculo da rocha a minha combinação incerta de átomos.

Volto ao jardim branco em frente ao salão de festas, um acorde ainda ressoa longe no meu ouvido esquerdo. Disfarço minha ânsia de gritar. Ele continuava lá sentado no banco, como se eu estivesse ali o tempo todo mirando seu perfil. Ele me falava sobre a sua misoginia, sobre o quanto repugnava as mulheres, no entanto, elas nem eram capazes de retribuir tal aversão, eram tolas demais para experimentar o ódio. Como ele podia respeitar alguém que não sabia nutrir ódio pela humanidade; Como ele podia respeitar alguém que se curvava ao menor tremor; Considerava que o buraco no meio de suas pernas era a prova mais evidente e atroz de sua fraqueza. Nunca conseguira encontrar uma mulher que sustentasse a palavra até o fim, sua língua é mais ágil que seu cérebro. Diferente dos homens, que podiam ser calhordas, mas jamais voltavam atrás em seus acordos. Olhe bem para mim, diga se eu não estou certo quanto as minhas colocações;

Divaguei um pouco enquanto ele pronunciava suas blasfêmias, o que bem poderia ser o que ele chamava de um defeito tipicamente feminino. Ajeitei o cabelo que escapava por baixo do chapéu. Apalpei meu externo, à procura inútil dos meus seios, eles são ridiculamente pequenos e escorregam facilmente...

Não sei se a culpa era dos pelos grossos que cobriam todo o meu dorso ou do meu chapéu coco um tanto masculino. O fato é que ele não parecia reparar que eu era de uma espécie inferior a sua.

Estendi meus dedos em volta do pescoço como se procurasse um pomo de adão ou desapertasse uma gravata borboleta que não existia. Ele reparava em meus movimentos e pigarreava de alegria, afinal, éramos tão parecidos que ele podia se deitar na minha cama e não tocar no meu sexo, porque meu órgão era grande, pesado e imponente como o dele e como dos touros que não foram castrados. Eu não era como as outras que tinham as genitálias escondidas na abstração e nas gretas do corpo, meu clitóris despencava das minhas ancas como um sino enferrujado prestes a cair.

A mulher é cheia de pretensões e na sua cabeça germinam apenas futilidades, diz conhecer o abismo dos homens, enquanto sua alma não passa de um porão cheio de

quinquilharias. Como poderia adivinhar a ranhura na face do macho? No entanto, qualquer pedra desse jardim pode dissertar mais sobre a evolução humana do que esse ser rastejante originário da vértebra fraturada de um cão sarnento. Eu não tocaria na vagina de uma mulher nem que me pagassem, todas elas são dentadas.

Consegue sentir a música? Inteira, eu digo, sem distinguir os instrumentos de sopro ou a agonia das cordas; Sem imaginar a orquestra, o maestro ou a intriga entre os artistas que fingem cantar em uníssono como se fossem um só corpo, uma só voz, um só anseio; Uma mulher não conseguiria, ela ficaria horas analisando sobre a importância das notas utilizadas, o compasso, o ritmo, a harmonia, porque para ela é mais importante a origem do que o produto final. Remói os miomas do seu útero e não é capaz de reconhecer a cria que rasga sua vulva.

Ele continuava percorrendo como um maníaco depressivo. Olhei para seu rosto animalesco, para a curvatura das suas costas, um pouco disfarçada pelo terno escuro, para os seus débeis e longos dedos. Recordei da primeira vez que o vi sem roupa através da fechadura, não conseguia entender como eu podia amar um homem como aquele, um primata, eu me perguntava se ele participava daquela tal evolução que

transformou os macacos em homo erectus, a sua coluna vertebral era tão envergada que eu poderia também ver a sua semelhança com um cachorro, nunca com outro homem ou com um ser divino, feito de matéria porosa e perfeita.

Embora ele não percebesse, ele também não passava de um símio, que por um erro conceitual do Ser ganhou o nome de homem.

Toquei de novo o avesso da minha cartografia. A mulher era um corpo oco até que Deus a sodomizou, ejaculou o sêmem da desgraça na sua cloaca. Então, ela deu o primeiro suspiro, descobriu que o mundo era semelhante a um pântano, deixou de ser objeto vazio para se tornar um simulacro e simultaneamente um criadouro de homem.

Quando vi o quanto era ridícula minha forma, pensei em partir. Contudo, ao olhar ao meu redor, eu percebi que estava só, não havia ninguém além de mim no jardim branco, não havia nenhuma festa no saguão, nem danças e o som de jazz que escutava não passava do coaxar dos loucos do outro lado do muro das lamentações e tampouco o jardim branco existia. Um escaravelho rolava um esterco de um lado para o outro imitando os movimentos de translação e rotação. Eu estava suspenso por uma espécie invisível de corda, o balé das marionetas, eu poderia despencar a qualquer momento e

experimentei o medo pela primeira vez. Dei uma cutucada embaixo das minhas costelas, não senti nada, minha carne se tornou gelatinosa e transparente. Definitivamente eu estava no não-lugar e meu nome era Deus.

Encarnación

Encarnación gostava de ficar sentada sob o sol olhando os emaranhados da videira. Ela se esparramava e ocupava a tarde podre. Encarnación, eu era fascinada pelo seu nome. Ela ria gostoso, desses risos de gente velha “minha filha esse nome traz má sorte”. Não ligava, Anna me parecia solitário demais, lembrava as migalhas do tempo, os bagos fermentando as vistas. Nos dias de festa, as moças arreganhavam as saias e esmagavam os cachos com os pés. Foi assim que experimentei pela primeira vez o gosto da carne, disfarçado no gosto vermelho da uva.

Anna era descendente de uma tribo distante. Um povo selvagem que na época de pouca fartura devorava ritualisticamente seus cadáveres.

A clarividência é meu inferno, muita gente reza todos os dias para ter o meu poder. No entanto, jamais desejaria, nem mesmo ao meu pior inimigo, conseguir enxergar todas as frestas que vejo, cada minúsculo buraco, é como uma lagarta de fogo que percorre infinitamente o mesmo tronco e mesmo sabendo da sua sina é impossível trilhar outro caminho. Eu sei as tramas de todas as minhas histórias e isso não me impede de

vivenciá-las.

Quando eu conheci Anna já sabia seu destino, já sabia como seu corpo se entranharia no meu – videira vasta sem espaço, vísceras mortas devastando o asfalto. Foi impossível não me apaixonar por Anna, ela exalava um cheiro de desgraça que me corrompia e me aproximava. Seria capaz de lamber seus pés até que ela adormecesse.

A primeira vez que entrei na sua casa, me assustei. Na parede do seu quarto estava pendurado um cavalo que era só sombra por dentro, os olhos vazados, os músculos exaustos disfarçando o oco, como se tivesse sido devorado por um monstro.

Não foi fácil convencê-la do meu amor, ela tinha um olhar atravessado, não via o que estava a um palmo do seu nariz, mas o que estava diametralmente oposto a ele. Olhando para o chão, só conseguia enxergar as teias de aranha do teto. Eu compreendia perfeitamente, eu também não era a pessoa mais normal do mundo. Um dia ela me confessou que era verdade o que eu tinha visto, ela era descendente de um povo chamado Antípodas.

Antes disso, antes da sua confissão, passei várias noites em claro tentando entender o que aquilo poderia significar. Na cabeça me apareceu Antípodas, comecei me impressionando

com a origem da palavra, em seguida fui imaginando os mapas, a cartografia traçando opostos, de um jeito ou de outro a matemática me intrigava. Mas não foi a matemática que me levou a descobrir que na Antiguidade seus parentes tinham os pés opostos. Comecei a compreender porque a primeira vez em que vi Anna ela corria entre as videiras plantando bananeira. Na segunda vez que a encontrei ela tinha um espelho colado no peito, andava rindo, catando as uvas estragadas e colocando na boca, de longe escutava os estalos e o cheiro fermentado da sua língua geográfica.

Embora nunca tenha me enxergado por completo, Anna começou a me enamorar. Ela gargalhava quando escutava minha voz, saía da posição de bananeira e me dava uma lambida no rosto. Não posso dizer que isso me impressionava, pois eu já sabia do que Anna era capaz.

Anna cutucava o chão, comia desesperada as raízes, os tubérculos, as pequenas minhocas. Não satisfeita passou a comer torrões de terra. Ah, meu Deus! Quem me dera fosse apenas isso. Depois passou a comer pequenos cadáveres. Chorava me implorando perdão, dizia que não era culpa sua, era coisa herdada. Primeiro eram corpos mortos de coelhos, gatos, cachorros, cavalos. Até o dia em que experimentou a carne de uma moça. Foi além, devorou a carne macia de um

bebê.

Fui visitá-la, como fazia todo entardecer desde que nos amamos pela primeira vez. Havia sangue por todo lado. Ela me olhou triste-feliz-arrependida, confessou que não foi capaz de se controlar. Cutucou o umbigo, primeiro no meio, depois em volta, retirou aquela espécie de novelo-ninho-pintura abstrata que se formava dentro dela. Comeu o próprio feto – meu primeiro filho, o primogênito. Me calei. Ela me olhava faminta. Nunca tive medo, eu sabia que ela se contentava em sugar meu sêmen, ele era um pouco da minha carne. No entanto, não queria deixá-la furiosa, desde criança tive tendência a acumular sobras embaixo da unha, isso me irritava. Agora essas sobras me salvavam a pele do sacrifício. Anna não era ruim, só tinha herdado o vício nefasto de seus antepassados.

Ofereço minhas mãos solícito. Ela agarra e rói minhas unhas com desespero. Ela traz o pequeno espelho de moldura laranja no peito. Lá fora, eu posso enxergar os emaranhados da videira e a tarde quente apodrecendo os bagos.

ABIGAIL – LIAGIBA

Abigail escorrega as mãos afetuosamente sobre a barriga dos bichos. Escolhe, entre eles, as baratas brancas. Empurra com a língua e suga. É possível escutar o barulho, como se vitrais sagrados partissem dentro do céu da sua boca.

Abigail nasceu em época remota. Na Grécia Antiga era chamada de oráculo. Seus olhos enxergavam em um raio de duzentos mil anos. Nas aldeias primitivas invocava espíritos, sacrificava crianças e virgens, pisava na fogueira, era um poderoso Xamã. Na Europa, princesa bastarda matou com o espartilho todos os seus pretendentes, era comparada com a “Louca de Espanha”. Depois de trinta reencarnações voltou a sua cidade, lá era apenas Maria Louca. Só. Levava nos braços, dois pêndulos de aço, uma criança morta que esqueceram de enterrar. Os homens, às vezes, não escondem seus mortos. Eles são velados à vida inteira, feito uma unha encravada. Embalava, entoava cantigas de roda pra boneca com olhos de gente triste e miúda.

O marido, arquiteto de pensamento, cansado do fascínio da loucura, se apaixonou por uma doméstica nada exótica, que fazia rabada como ninguém. Socorro pegou o homem pelo

rabo, literalmente.

Ao se descobrir traída e trocada tentou esfaquear o parceiro, deu cabo do cachorro da vizinha. O ato lhe rendeu a vigésima internação. Ela não se importava, afinal, o exílio era coisa de gente grã-fina. Além disso, o corredor de trinta metros e cem portas era um conto não-escrito de Cortázar. Todos os loucos são adeptos fervorosos do realismo fantástico.

Abigail, a Louca de Espanha ou mulher tarja preta, xamânica, corria nua entre os internos, era apalpada, acariciada, estapeada, eleita a musa do sanatório. Trazia no corpo as marcas da depravação. Em cada internação tatuava os amigos de hospício, aqueles que lhe satisfaziam a carne. A vida é um ato masturbatório, pensava enquanto era enrabada. “Aqui jaz minha sanidade”. Memórias remotas do subsolo, castigo sem crime, idiotas babando no meu clitóris. Os dementes costumam ser ótimos leitores, mesmo quando confundem um pouco as obras, os autores, verdade, ficção. Dadaístas também não me parecem normais. Tudo é colocado num saco e chacoalhado. O saco escrotal de Deus. O universo também aconteceu assim, num desses empurrões cósmicos.

A demência de Abigail, no entanto, era tamanha e não cabia na extensão da sua pele ou na geografia dos buracos. Coitada! Gritava, soluçava, descabelava por causa das fraturas do

mundo. Não sabia que o mundo queria mais é que ela se fodesse na casa do caralho.

As internações começaram cedo, antes dos dezoito. Quando adolescente tentou enforçar o irmão mais velho, o pobre diabo tinha um olho de vidro e ainda não sabia enxergar a maldade. Ela enroscou a mão no seu pescoço, puxou a gravata com força, mas acabou se distraindo com o nó surpreendente dos dedos. Por incrível que possa parecer esse fato, Abigail jamais havia percebido que a insanidade começava nas suas extremidades. Essa noite chorou compulsivamente, arrancou as unhas com o alicate, passou gilete no braço esquerdo, no pulso não, era contra o suicídio, mordeu os lábios que ficaram grandes como duas mangas maduras. Foi a primeira das suas tantas noites de insônia. Luas vermelhas orbitavam na sua cabeça. Como alguém poderia dormir nesse lamaçal tremendo? Sossega leão duas vezes ao dia acalmava seus nervos. Rangia os dentes grandes e amarelos. Um vergão crônico abria uma fenda da veia em direção à palma da mão. Não tendo com o que se preocupar, improvisou um calendário no abdômen. Enquanto o tempo não passava, assistia as guerras interplanetárias ao redor do seu umbigo, sentia saudade do cordão do qual despencou. Os loucos também são anatomicamente centrados.

Estrias escuras feitas com palito de sorvete abstraíam suas noites grávidas. Ela tinha a impressão que as madrugadas traziam outras madrugadas no bucho. Se tivesse uma faca experimentaria um corte longitudinal. Não era permitido objeto com ponta. Abria e fechava os olhos e o escuro continuava devorando os outros loucos. Goya. Alucinada, passava a língua seca no canto da boca infestada de aftas. Recordou dos filhotes de ratos que afogou um a um dentro da bacia de alumínio. Olhava os panos brancos quase inocentes quarando no varal.

Enjoada da mesmice do exílio elaborou algumas pautas e marcou uma reunião extraordinária com seus companheiros de partido. Incitou uma rebelião. Rasgaram as roupas, jogaram os remédios, as ampolas, as agulhas, destruíram as flores, incendiaram os colchões, não botaram fogo no próprio corpo, estavam preocupados demais com questões alheias. A revolta fracassou, como das outras vezes, os sonhadores foram mutilados, ao menos sobrou a inconsciência da derrota, afinal, eram apenas loucos. Como castigo não jantaram e foram amarrados no estrato da cama.

Uma semana depois, ainda com Joana d’Arc na alma, tentou fugir, escalou um muro de três metros, o qual dava acesso ao Jardim do Éden, antes de provar o figo da discórdia, ela foi expulsa. Caiu, trincou duas costelas, fraturou a coluna. Agora

Abigail era Frida Kahlo. Dissimulou uma gangrena, decepou o próprio pé, caso contrário, não haveria verossimilhança. No diário os mesmos dizeres da artista: *Piés para qué los queros si tengo alas pa'volar*. Datado de mil novecentos e cinquenta e três.

Descontente com o rumo da sua vida, amarrou um lençol encardido no pescoço e ensaiou seus vôos imaginários pelos vastos corredores, escorregou no escarro denso de alguns maníacos, dançou um tango com dois enfermeiros de plantão, fumou bitucas de cigarro, tropeçou em muitas macas, sobreviveu. Mexicana insana.

Descobri que o hospital já foi um cemitério de guerra. Retiro o ralo do banheiro e procuro pelos fetos que abortei. Enrosco as falanges. Encontro somente o som de cascos trotando no líquido placentário. Aquoso, translúcido.

Abigail espelho inverso eu-ela encalacrada. Útero infecundo ao avesso. O nascimento ancestral da morte. Abigail-ela-eu mitificando a própria voz. Louca de Espanha. Mulher. Humana. Personagem.

Aqui, na rua detrás do sanatório, homens de laranja, tão análogos à pintura expressionista, recapeiam o asfalto, no cruzamento girassóis seguem cegos semáforos.

Abigail Liagiba eu-ela múltipla personalidade. Faca sem corte.

Escorpiônica. Cavalos fingidos relinchando na canela da morte.

Boneca russa. Eu.

Gênese

Ela estava há milênios ajoelhada naquele cubículo e expunha com certa vaidade uma fratura no fêmur esquerdo. Brincava com uma Matrioshka. Tirava e recolocava as várias bonecas russas, enfiava o dedo no miolo, encontrava a menor de todas, rasgava com uma faca, duvidando da sua entranha oca, do seu corpo sem órgãos, como se através dessa manobra pudesse resolver sua demência ou seus problemas de ancestralidade.

Olhando-a assim, acreditei que ela jamais morreria, estava enganado, ela era uma barata branca e logo seria esmagada.

Não foi fácil ver seu corpo estendido na pedra. Aqueles seres estranhos, vermelhos e mascarados (sempre considerei a máscara uma repetição desnecessária), falando línguas estrangeiras, dançando e urrando, imitando o som gutural dos animais. Ofereceram-me um cálice de sangue, eu deveria celebrar a morte, sacralizar o útero que foi meu abrigo, minha origem. A caverna era escura, úmida. Havia na parede da rocha, atrás do seu corpo, o desenho de uma vulva aberta e gigante, em volta caçadores com seus membros em ereção, em outra

gravura um antílope estava montado em uma mulher nua e grávida, aos seus pés demiurgos ejaculavam.

Colocaram em minhas mãos um instrumento pontiagudo, fizeram gestos que indicavam que eu deveria retirar as vísceras do cadáver e fazer uma trepanação. Hesitei, mas concordei, a matéria era uma abstração e nunca foi sólida, era uma rachadura, uma trinca no tempo-espço.

Sei que existe um animal rastejante que circula em sentido anti-horário pelo meu útero (sou um homem castigado com um útero) se espreguiça nas minhas trompas, se enrosca nas paredes do meu intestino, como um cão de rua que não morde, mas fareja, mas fede. Trêmulo começo a estripar aquele corpo-origem. Partenogênese. Ovo cósmico.

O ritual de sepultamento continua e eu sigo fazendo a trepanação. Lamento porque nunca me senti parte desse mundo, porque quando cheguei o mundo já estava instituído. È como se eu fosse uma orelha implantada no organismo de um sapo. È como se eu tivesse despencado em um país estrangeiro e por todos esses anos continuei um exilado no meu corpo-máquina. Preciso ser civilizado, sou homem e preciso entender o sorriso fingido dos hipócritas, a boca banguela, desnuda dos desalmados. A humanidade se alimenta parindo ovos chocos. Preciso ser homem, trabalhar, acasalar, conversar, entender de

política, entender a rosa dos ventos, fingir felicidade, matar os porcos que aparecem nas noites sujas, quando tenho as vértebras trincadas e pinos na mandíbula.

Nasci no corpo-simulacro de um homem evoluído. No entanto, minha alma tem uma corcunda feia e incurável, minha alma é de um egiptopiteco, um primata franzino de seis quilos.

Então, diga, como não ser arrebatado se não tenho olhos nas costas? Ando atento pela casa e em todas as casas multiplicam ferrolhos enferrujados. Como posso sorrir se sou um amontoado de átomos, os quais poderiam tanto estar em mim como numa cadeira de vime. Ela me falou que eu era fraco e por isso estava em eterna diáspora. Eu catava piolhos de um macaco de pelúcia. Só não era mais ridículo porque eu nascera inteiro, sem amputações. Era nesse ponto que ela se enganava. Eu era a própria amputação, a própria rachadura na coluna de Deus. O meu quarto-mundo era uma incubadora e eu estava fadado a viver cem anos e continuar prematuro.

Um enxu de moscas andam tontas e circunspectas em torno do meu mamilo. Não sinto cócegas, não as expulso, acompanho sua coreografia macabra nas redondezas do seu peito. A angústia não é muito diversa de um amontoado de larvas de inseto. Barroca.

Coagulo a noite. Navalho a face profícua de Deus.

Continuo a trepanação. Depois de um tempo eu era só o exoesqueleto de uma cigarra, vazio, solitário, oco.

Não havia dúvida do que eu deveria fazer. Abri a vulva da minha mãe e voltei ao seu útero. Invaginação do fora. As esporas, os cascos, os trotes, a noite, o beco deixaram de me incomodar.

Quando os Maracujás Florirem

Meu caro, não, meu querido, não, meu esposo, não, meu companheiro, não, melhor poupar designações, tudo que nomeio me compromete e não diz nada, talvez por isso as letras me interessem tanto, sim, pela sua incrível ineficácia. Melhor eu começar assim, escrevendo assim, do início, sem remetente, uma carta nunca deve ser lida por apenas um leitor, uma carta tem segredos que dizem respeito a quase todos, pequenas banalidades e deslizes que muitos cometem. Também não colocarei data, as coisas foram acontecendo assim, ao longo de tantos anos que colocar um número exato daria uma impressão errada dos acontecimentos e parecerá que um dia preciso nos desentendemos e resolvemos desembaraçar e você sabe, não foi bem assim, as tragédias acontecem um pouco a cada dia. Primeiro um hematoma perto da virilha, um tombo pequeno, uma ralada no joelho, depois uma queda e um braço quebrado, depois uma escada e uma fratura exposta, depois as varizes que estouram de repente e inundam a sala de um sangue vermelho e grosso. Não, também não foi assim, acho que primeiro foram os cachos, as uvas em cima da fruteira, sim, aquelas brilhantes, feita de plástico. Não sei bem, nunca fui muito ligada a

métodos e números cardinais. Não, foi ainda antes disso, desde muito cedo me apaixonei pelas parreiras e nem sei ao certo porque elas me causavam tal encanto, eu poderia passar tardes inteiras olhando os caminhos que seus ramos percorriam e ao anoitecer já não me recordava das trilhas e era necessário pela manhã recomençar meu trabalho de catalogação. O primeiro ramo a nascer se estendia em direção ao telhado se furtando do compromisso de seguir o estaleiro-quadrilátero que compomos quando trouxemos as minúsculas mudas. Essas mudas não irão pra frente, veja estão tão fraquinhas, se eu fosse você eu plantaria maracujás, você já viu como são bonitas as flores do maracujá? Ou quem sabe aquelas margaridas miudinhas, eles dão em qualquer lugar. Sim, eu compreendia e sim ele não era eu, de forma que se fosse, ele jamais plantaria maracujás e se ele fosse eu ele saberia perfeitamente que eu não suporto os maribondos que perseguem as florações e nem qualquer outro tipo de inseto voador. Não, ele não era eu, caso fosse saberia que minha infância inteira eu vi os maracujás penderem da cerca que separava minha casa da casa vizinha. Se ele fosse eu ele saberia que não suportava lembrar a brutalidade que minha mãe arrancava os frutos ainda verdes do pé para que a mulher da casa ao lado não tocasse suas mãos sujas no fruto. Se ele fosse eu ele saberia que a única moça que eu amei na vida

morava na casa ao lado, sim ele saberia e sim ele não me chamaria de lésbica quando conto essa história, não diria que no tempo dele mulheres que amavam mulheres morriam solteiras, não ele não diria, ele não diria que no bairro, ele e seus amigos comiam mulheres que gostavam de mulheres. Sim, ele saberia que as mulheres se camuflam de homens muito melhores que os homens. Ah, se ele fosse eu ele saberia perfeitamente que eu não me empenharia em cuidar de flores miúdas que dão em qualquer matagal, que eu não me abaixaria, não tocaria minha bunda na terra e não tiraria os capins que cobrem as flores pequenas e se ele fosse eu ele saberia que eu só cuidaria em vida das parreiras, só delas e de mais ninguém... Mas sim, ele nem passava perto do que eu era e nas raras vezes em que pedi para que ele se colocasse no meu lugar, ele se levantava do sofá e dizia que não ligava a mínima, e de baboseira e pontos de vista e referência já bastavam as aulas de geografia e que elas tinham ficado para trás faz tempo, se eu quisesse mesmo que ele se colocasse no meu lugar que lhe arranjassem uma buceta, só assim saberia ser mulher e pensar com a futilidade de uma mulher. Falava e espirrava pequenos jatos de água com a boca. Então, eu tinha certeza, ele jamais seria capaz de ter uma buceta e nessas horas eu tinha fé, Deus não teria colocado um buraco no meio das pernas dos homens,

não mesmo, até mesmo o cu duvido que seja coisa de Deus. Passei muitas noites acordada pensando em uma maneira de me vingar, se tivéssemos filhos poderia levá-los para longe e proibir suas visitas, mas ele nunca quis ter filhos, dizia que a próxima geração era de pervertidos e ele não se arriscaria, podíamos ter gatos e cachorros e uma tartaruga, se quisesse ser mais exótica. Não, eu não era exótica, exceto as parreiras. Às vezes, durante a noite, eu escutava sua barriga fazer barulhos terríveis e então, pensava, ele podia ter uma úlcera incurável, no entanto, logo depois você arrotava alto e dizia, puxei minha mãe, tenho estomago de avestruz, eu desanimava com minhas pequenas vinganças invisíveis, não seria tão fácil te perder. Maquinava em minha cabeça diversas formas de machucá-lo, fazer com que não voltasse mais, enquanto isso, eu via cachos verdes em miniatura despencando da parreira, logo as uvas poderiam ser colhidas, no começo do ano talvez. Uma noite escrevi uma novela de duzentas páginas inspiradas em você, foi inútil, você dizia que detestava literatura, era tudo uma balela e que aquelas páginas só serviriam mesmo para limpar a bunda. Esquece, literatura não serve para nada mesmo, é como disse, as letras me interessam pela sua ineficácia. Agora não haveria erro, minha vingança não tinha como falhar, você não teria como escapar, você estava preso no estaleiro-quadrilátero que

compomos. Esqueci de perguntar ao meu pai as pragas que atingem as parreiras, depois resolvo isso. Sim, o mais importante agora era a minha vingança. Sim, o estaleiro parecia forte, sim, você era bom com as construções. Cinquenta e dois quilos, sim, era um bom peso. Como fazia todas as tardes, coloquei a cadeira embaixo e fiquei admirando os ramos e agora também admirava o espetáculo dos primeiros frutos. Amarrei a corda, subi na cadeira e depois o chute. Ainda sinto o cheiro das flores de maracujá e o gosto do beijo de Estela e da surra e da briga eterna entre meus pais e a vizinha-vadia-mãe-solteira que não sabia dar educação para filha, a filha que tinha gostos exóticos. Sim, você tinha razão, devíamos ter escolhido os maracujás ou as margaridas ordinárias. Não, não se preocupe, o capim não está tão alto, peça um pouco de mata-mato para meu irmão, vamos você deveria saber que os cachos demoram para crescer, sim, melhor eram as margaridas ordinárias.

Carta a um Anônimo

Não, não te escrevo do silêncio incômodo das madrugadas, embora tenha certo apreço pelos guinchados dos ratos domésticos, escrevo com o barulho imperceptível dos automóveis, o barulho das velhas máquinas de ponto, os ruídos dos estômagos de crianças famintas e com o sol se pondo em algum beco que não posso prever. Quando nos habituamos à loucura das cidades, os rumores deixam de ser ensurdecedores. Pensei muito sobre tudo que me disse, agora tento me organizar e respondo um pouco das suas indagações, contudo nunca tive o dom da clareza, não herdei o cérebro sistemático de certos predadores. Me pergunto, como poderíamos manter uma encenação amorosa dentro desses hotéis baratos com ambientação minimalista e objetos impessoais, com toalhas e lençóis mal higienizados e com espelhos embaçados duplicando o trágico-cômico de nossos corpos? Não sei se já te disse o quanto ando cansada de ter um corpo, preferia ser feita desses materiais sintéticos e impermeáveis, que se lava de quinze em quinze dias.

Como poderia te oferecer a ilusão de um amor se tenho consciência que tudo não passa de uma mentira burguesa bem

contada? Nos ludibriaram feio, pode crer. Como posso dormir sossegada nos braços de um estranho se o amor não passa de um disfarce para negar nossa íntima semelhança com os primatas? Sim, sinto decepcioná-lo, embora saiba que você não é ingênuo, apenas se recusa a acreditar que animais são seres fatigados e não se procuram além da carne, não passamos de macacos com terno, gravata e emprego fixo.

Como te enganar se o desejo apodrece rente aos latões de lixo e a rua mal iluminada? Se a morte também estraga os cadáveres jovens? Se a vontade se desvanece perto dos cachorros sarnentos e abandonados pelos seus donos, que procuram bichos menos trabalhosos e mais ornamentais? Como ainda querer se há muito me perdi entre as compotas vermelhas, a pia abarrotada de louça e as faturas exorbitantes do cartão de crédito?

Não posso deixar esse espaço quase claustrofóbico, mesmo por poucas horas, apenas na invalidez desses cômodos eu suponho o significado da palavra imensurável, aqui eu já conheço o hábito das formigas, sei onde devo espalhar o inseticida, já experimentei a fúria dos marimbondos, conheço os pardais entediados que batem com frequência nas vidraças fechadas, sei onde as rachaduras deram lugar a infiltrações impossíveis de conter, sei onde as aranhas tecem suas teias e

esperam compassivas para devorarem suas presas, sei em quais buracos as minhocas se escondem, sei o trajeto suicida dos pernilongos, sei da fome mediana dos peixes de aquário, sei como os cupins foram desaparecendo quando trocamos os móveis de madeira maciça pelos de MDF, sei que as abelhas sumiram há algum tempo e muitos afirmam que isso é uma das piores catástrofes ambientais e trará danos irreversíveis, mas nos calamos, agoniados pela cumplicidade do mesmo assassinato, a verdade é que a polinização das abelhas nos parecia afrontosa.

Como posso te vender um engodo? Se ao menos eu tivesse o corpo bonito, apetecível... se pudesse subtraí-lo ou doá-lo... No entanto, meu corpo é pesado, insosso, sem querer me recordo da anatomia intrigante dos elefantes, sinto a flacidez se instalando no meu ventre, as pernas perdendo os músculos, a gordura se acumulando e me proporcionando o aspecto de um ser dócil e inofensivo como as toupeiras. Invisível sim, não entendo como pode reparar na minha existência transparente, depois de certa idade as mulheres deixam de ser enxergadas, nos tornamos fantasmas gordos, cansados e sonolentos e quase sempre atrapalhamos a felicidade inconsequente dos adolescentes, porque fazemos questão de explicar antes de sermos interrogados sobre as

necroses das paixões.

Entretanto, se apesar de tudo isso ainda me quiser, venha, eu te espero, mas venha rápido, pois está entrando dezembro e as baratas voadoras costumam romper os ferrolhos e se instalar nas frestas poeirentas da veneziana.

O Umbigo de Deus

Parte 1 (A membrana): E uma mosca não cansava de farejar o cu de uma estátua, o cu de um cristo já crucificado. E minha cauda não era capaz de espantar o inseto, porque eu nada sabia sobre o desespero da pedra. Antes da insônia dessa noite eu era matéria sem memória, um peixe cascudo. Meus olhos nada sabiam dos pássaros suicidas-agonizantes que nele habitavam. E ninguém podia adivinhar meu sofrimento, ninguém tinha consciência que eu viveria por cem anos e por cem anos eu seria ridicularizada porque sentia o falo de Deus apodrecendo minha vagina. Um clitóris-seixo ruindo do nascimento a morte.

Parte 2 (O ovo e a origem dos órgãos): Eu não era, porém o réptil amarelo soprou em minha boca e eu inflei. Rodopiei sobre meu eixo e descobri meus seios. Deitei na cama do meu carrasco, ele me convenceu que os orifícios-estigmas que eu trazia não eram regiões abissais, mas fontes de um prazer supremo. Abri a boca e o deixei tocar na campainha que tremia com qualquer grunhido. Conduzi suas mãos entre minhas pernas e ele massageou a úvula acima dos pequenos lábios. O meu esfíncter se rompeu e dele explodiu um sol rubro e

fecundo. Ovulo. Coito anal. A humanidade se expande no interstício entre o ruído e a merda. Na bifurcação do meu novo corpo, agora apaziguado, um ovo habitava. Uma jararaca de rabo branco ameaçava o bote.

Parte 3 (O cão trágico ou o sepulcro do eu): Conheci outros parentes, outros bichos, outros carrascos e todos dormiram sobre minha puberdade. E todos eles me enganaram desde a infância, me fazendo acreditar que eu era insubstituível. E passaram-se anos e eu chorei meus mortos e eles eram velados e encontrei outros homens de rosto lixado e meus mortos foram cremados e esquecidos, viraram fuligem e seus nomes não me lembro bem, homo sapiens homo erectus neantherdais homens da pedra lascada e suas artes, única coisa eterna, agora viraram artes rupestres perdidas em algum muro-asfalto da cidade. Me fizeram acreditar que eu era o grande cão emplumado, que a qualquer momento alçaria voo, o bode de chifre de ouro. A verdade é que eu sou um bode expiatório, o sangue jorrado da vulva pela sodomia alheia. Tropecei, caí em buracos bem pequenos, cavei para enterrar ossos, o fêmur do monstro branco que clareava o abismo, o monstro que restou de toda grandeza. Ele, num dia que arrancava minha pele, me disse: Você é um lindo cão emplumado! E deslizou a mão sobre meu

dorso supostamente alado. Mas no espelho de moldura alaranjada pregado naquele cubículo, eu reconheci meu carrasco, enquanto um mar vermelho dividia-me ao meio. Olhei de novo para o pequeno espelho retangular e vi que eu não passava de um cão vira-lata roendo o osso do eterno retorno.

Mosca Morta

Seu sorriso empastado se escancarava em cima da mesa de mármore. Pequenas moscas pretas emprestavam um aspecto carnavalesco a seus beijos de gengivas opacas. Seus dentes escapavam pelas frestas omissas do tempo. As cortinas rasgadas riam da dor alheia. Janela indiscreta. 20 pedras de crack fumadas na lata de coca. É o que recordo daquele imenso dia nublado. Eu acordei com a certeza de que ia chover, no entanto, não choveu e a poeira e o cheiro de carne podre continuou infestando o ar. Continuou trotando na minha face. Um fosso se abriu no meu juízo (o céu da minha boca estava infestado de ratos brancos ou seriam râmsters????).La peste de Camus.

“essa putinha merece morrer com prazer”. Seu dedo se encharcava na buceta ressecada. O desejo tem lá seus disfarces. Não desanimava, continuava seu trabalho feito um operário obstinado. Revolução industrial. replay. replay. replay.

A moça usava um esmalte encarnado que disfarçava as luas fingidas da mão. Ele não se conformava, era excitante enxergar

o roxo das unhas. Tentou roer pra descascar aquela bosta toda. Desistiu.

A vida e a morte eram análogas, cogitava. Um túnel. Uma luz. Um grito. Reminiscências do parto. O sangue. A placenta arremessada ao longe feito uma bola de capotão.

Enquanto socava a vadia, ficava imaginando que aqueles pelos continuariam ali, por anos e anos revivendo orgias. Larvas amarelas cavalgavam elegantes pelo seu ventre. Criavam cascos. Cada fincada derrubava novos insetos. A moça gozava catatônica.

Socava socava socava com força até o leite do seu pau destruir a arquitetura primitiva da vulva inerte.

Vira a moça de costas e continua com um vigor maior. Lúcido. Fica ali, até ver arrebentar do seu ânus mais uma vida de merda.

Moscas mortas pretas ainda copulam no seu sorriso.

À Sombra Daquela Árvore

Rastejando alguns metros avistei o pé de lichia que ficava no jardim do sanatório, ele estava intacto. Aos domingos, quando visitava minha mãe no hospital, subia na árvore para comer os frutos e pouco me importava se eles ainda estivessem verdes. A meninice não respeitava os caprichos da natureza. O gosto volta a minha boca e posso sentir as amarras das coisas arrancadas do seu curso. Agora um pedaço de camisa-de-força era o único indício de que aquilo fora uma cidade povoada. A civilização é uma indústria de loucos. Minha mãe sabia muito bem disso e quando se enfezava botava fogo nos documentos e ficava nua.

Encontrar a sombra daquela árvore não me trouxe alívio, não estava nem perto da floração de lichia, no entanto, vi que as flores começavam a nascer e logo em seguida se fechar, no intuito de gerar o fruto, como se tivessem consciência da urgência do recomeço, da potência da vida. No topo um fruto começou encarnar, não era mais necessário telas para se livrar dos pássaros.

Em meio aos destroços uma ninhada de ratos agonizava, os filhotes se agarravam às tetas da mãe, obstinados. A minha

única chance de sobreviver era devorá-los. Eu sei que isso seria apenas um paliativo. A morte viria inevitavelmente. O machucado na minha perna só aumentava. Em algumas horas eu mesma teria que amputá-la como fazia com as bonecas más. Vi algo se mexendo atrás de mim, arrastei a perna inválida e cheguei mais perto. Era incrível, os coelhos se multiplicavam rapidamente. Ao mesmo tempo em que nasciam, comiam uns aos outros, de modo que sempre acabava sobrando dois, o ciclo se refazia numa espécie de matemática mórbida. Não tive coragem de parar aquela cena, não podia tirá-los dali, era um pouco da vida ressurgindo.

Voltei faminta e espetei com um galho o primeiro rato, o maior, eu gostava da ordem decrescente, ele ainda agonizava, os outros tentavam se esconder no ventre murcho da mãe.

Adormeci logo, a febre me enfraqueceu, era possível que a infecção tomasse o resto do meu corpo, era evidente que eu não escaparia. Acordei com o barulho da chuva. Estava sozinha novamente, os outros bichos se esconderam e eu não fui mais capaz de encontrá-los. Eles se protegiam da fúria da minha boca.

Logo depois da chuva e quando o sol bateu no chão, as tanajuras brotaram da terra. Era minha salvação. Fiquei horas perseguindo as formigas e retirando suas cabeças, embora na

minha situação não me importaria em comê-las inteira. No entanto, antes de poder capturá-las, elas me devoraram, pedaço por pedaço, pacientemente.

O Cadáver

Para Fernando Rocha

Um cadáver costurado nas costas. Não, não estou mentindo! Ah, que bom seria se fosse mentira! Ah, sim, eu respiraria aliviado! Não precisaria fingir uma sonolência e um entorpecimento eternos para fugir dos seus sermões. Sim, ele canta baixinho no meu ouvido: *Pick me, pick me yeah/ Live alone, lone single/ At least, at least yeah/ Everyone is hollow...* Sim, o tempo inteiro sussurrando no meu ouvido, minhas orelhas queimam feito fogo. Quem me dera ele fosse um defunto mudo. Admirava as pessoas articuladas, mas só encontrei fluência e verdade nos homens calados, por isso, me dava certo prazer escutar histórias de torturadores que retiravam a língua de suas vítimas. Não eu, eu sou fraco demais, não teria coragem de arrancar a língua daquele defunto filho da puta, estava fadado a escutar ininterruptamente a sua ladainha, suas lamúrias.

Eu só queria mesmo criar mínimos milagres com as mãos, no entanto, era canhoto e o sonho de ser mágico tornou-se uma piada de mau gosto, já no jardim da infância eu sabia, demoraria mais tempo que as outras crianças para abrir uma

lata de sardinha. Isso foi antes, muito antes, agora cresci, embora guarde certo receio dos peixes e das embalagens quase invioláveis de alumínio.

Estava há duas semanas perambulando pelas ruas, meu corpo suave, do meu dorso escorria um suor espesso, pensava nas glândulas sudoríparas das cobras... nas enguias que atravessavam as carcaças sem vida... nos caranguejos que andavam pelas laterais... nas iguanas e sua falsa aparência de ferocidade. O cadáver finalmente tirara um cochilo, isso me deu um pouco de descanso. Eu tinha me transformado nisso, uma espécie de *flâneur* mórbido, de caixeiro viajante com uma estranha encomenda, duas semanas de uma suposta liberdade, quanta ingenuidade acreditar que é possível erguer a perna direita e colocá-la por cima do joelho esquerdo e sair ileso de comentários, qualquer grunhido gera meses de discursos, por isso, preferia a catatonia à mania. Quase todos os loucos são falantes compulsivos, talvez isso seja a única coisa que me irrite neles.

Sai depois de quatro meses de confinamento forçado. *Vocês sabem, ele é perigoso, é uma ameaça a si mesmo...* Eu deveria aprender a dar importância para pequenas coisas, como o nascer do sol, o mato crescendo, as montanhas, o jardim florido, a luz dos postes iluminando os becos escuros, o

cachorro abanando o rabo, os gatos saltando os muros e desafiando a sorte, as pipas simulando acrobacias no céu, as formigas devorando as baratas que tentam atravessar a soleira e todo esse blá blá blá cheio de eufemismos de quem nunca conseguiu sentir nenhum parafuso enferrujado atravessar a pele, nenhum tétano devorar o cérebro, conselhos de pessoas que viveram na superfície transparente e insossa das coisas.

Eu não, eu gostava do espetáculo, dormia debaixo dos holofotes, mas eles apontavam para a tragédia alheia. Já minha mãe nunca sofreu com isso, ela era o centro dos holofotes, ela e sua esquizofrenia. Não entendia o fascínio que a loucura provocava em mim e nem por que pouco a pouco esse fascínio se transformou em asco.

Quando eu tinha uns oito anos, minha vó contava as histórias de nossos parentes loucos, a mim eles pareciam de uma árvore genealógica longínqua e inimaginável... Eu escutava passivo e deslumbrado, acreditava que havia certa genialidade incompreensível na loucura. Contava do seu irmão João que enterrava o rádio e no outro dia desenterrava, voltava a enterrar e depois desenterrar num movimento incessante e contínuo e foi a única coisa imprescindível que ele fez na vida. Depois completava dizendo que talvez aquela alienação tivesse sido herança do tio epilético. Não entendia por que espasmos

eram comparados à insanidade, mas não era importante decifrar... E do primo de segundo grau que todo entardecer estendia uma vara de pescar no quintal e esperava fisgar um peixe laranja e com pálpebras. Porém, para este era preciso dar um desconto, era escritor e faz parte do ofício do escritor tentar pescar esses tipos de peixes invisíveis. Ela continuava sua narração enquanto as torradas soltavam um cheiro bom de conforto, já eu, suspirava (eu não sabia se era alívio ou arrependimento ou um misto das duas coisas) bem, eu sou normal, falava isso e acrescentava que sempre sonhou em aprender tocar piano e por isso, tinha os dedos rasgados de tanto dedilhar as mesas de madeira maciça, naquele tempo os móveis não eram a porcaria de hoje, esse material prensado e descartável.

É verdade, as cartas estavam todas ali, bastava ler, eu era novo demais para entender. Os genes da loucura já estavam incrustados nos meus ossos, era uma herança que não tinha forças para renegar.

Minhas costas doíam, ainda sentia minhas mãos amarrando e abraçando minhas vértebras. Não me amava, não fui capaz de experimentar esse amor próprio de que falam tanto os psiquiatras e os terapeutas, não gostava de ninguém, embora suportasse a companhia de um chagal, se acaso conhecesse um.

Mesmo repugnando minha extensão, durante a loucura era obrigado apalpar meu próprio corpo, como se dessa forma eu pudesse ter consciência da minha importância, no entanto, a única coisa que percebia era o tamanho da minha impotência.

Sim, eu consegui os holofotes e eles eram povoados de espectros. Eu era louco, entretanto, não havia nenhuma genialidade em mim e se alguém ousou me comparar a Van Gogh isso se dava apenas pelo fato de eu ter perdido uma das orelhas no manicômio.

Depois de alguns minutos o cadáver despertou e de novo os sermões e de novo a música ressoando no meu ouvido: *Pick me, pick me yeah/ Live alone, lone single/ At least, at least yeah/ Everyone is hollow...* E de novo os seus conselhos torpes: *Vamos, não seja tonto, entre nessa boate, ninguém vai perceber que é louco. Veja, eles bebem para fingir uma loucura que lhe foi entregue de graça, sem o mínimo esforço.*

Ele tinha razão, eles tentavam obter uma insanidade que eu tento extirpar desde a adolescência.

Antes de amanhecer saímos da boate. Andamos até a praça, parei e sentei em frente a uma pequena fonte, peguei minha vara, estendi sobre aquele minúsculo lago artificial. Não fisguei nenhum peixe, nem os mortos que boiavam calados na superfície, desde o princípio desconfiei que os peixes não se

enterneceriam com as tragédias e as escamas opacas dos
maníaco-depressivos.

O Peixe Além do Rio

E os frutos estavam todos suspensos sobre minha cabeça, verdes no princípio, não podia me mexer, qualquer movimento romperia a tarde – rotação translação – bagunçaria o solstício. Eu era a noite e a noite me assombrava. O dia esticava e os figos continuavam podres, fatiados, é como se os pássaros os tivessem estripados antes de devorá-los. Olhei em direção à janela, ela estava fechada, já não sei precisar a quantos anos, imaginei o corpo do meu pai estendido na cama como se fosse uma fruta que ainda amarra a boca, esperando amadurecer. À força. Pensei na solidão branca e calcificada do esqueleto, vendo os músculos se descolarem aos poucos. Quando era menor eu acreditava que deveria ter medo dos mortos, achava que eles eram onipresentes e podiam escutar meus passos ruidosos sobre o assoalho de madeira. Quando escurecia ficava com os olhos bem abertos para poder me defender, caso eles aparecessem. Depois fui percebendo que os vivos eram muito mais assustadores e surgiam a qualquer hora e me agarravam com as mãos pegajosas e frias de suor. *Lagartos amarelos*. Notei com o auxílio dos anos que o ranger de dentes eram dos seres que estavam em vigília nas fendas

porosas das rochas, conhecidos por essas bandas como homo erectus ou homo sapiens. Da fechadura criaturas minúsculas me espionavam.

- Ela tem razão, parece um planeta.

- Não brinca, não vejo nada de engraçado nesses caroços, eles estão devastando minha carne.

- Você não deveria se preocupar com isso, já te falei que não é nada sério.

- Você diz isso porque é seu dever me tranquilizar.

- Sou antes de tudo seu amigo, não te enganaria, são apenas pequenos nódulos de gordura se acumulando embaixo da pele.

- São grandes e pouco estéticos, tenho vergonha de olhar no espelho, minha cara está virando uma monstruosidade.

- Deixa de besteiras, já te falei que depois da cirurgia, tudo voltará ao seu devido lugar.

- Às vezes, me sinto completamente entorpecido... Olho lá fora e o sol parece destruído, acabado, tenho medo que as coisas comecem a escurecer rápido demais.

- Você divaga muito, tem uma mente ágil, você percorre lugares desnecessários, sente dores ilusórias, a sua ansiedade é que está te matando, os caroços são apenas manifestações desse seu estado mental perturbado.

– O que sugere, florais;

– Não me faça rir, florais não vão adiantar nessa altura do campeonato.

– O que adiantaria? Uma dose maior de fluoxetina;

– Quem sabe... O que acho mesmo é que precisa aprender a ser como as moscas.

– Você deve estar de brincadeira comigo. Como assim? Que vantagens eu teria em ser como as moscas? Revirar merda? Já faço isso bem demais, não é fácil viver todos os dias, querendo ou não atolamos o pé na merda algumas vezes.

– Não foi bem isso que quis dizer...

– O que seria então?

– As moscas chafurdam na merda o tempo inteiro, mas nem por isso se tornam merda, continuam sendo feitas de outra matéria, uma matéria mais nobre, voam sem culpa para outros corpos.

– Tem toda razão, não sou feito da mesma matéria das moscas, até gostaria de ser assim solto, mas sou dado a afetos fáceis, o caos alheio me perturba e desorganiza. Não consigo pousar em outros corpos e sair ileso. Você consegue?

– Não sei, acho que sou mais frio que você. De qualquer forma estou achando esse papo pesado demais. Quer um cigarro? Você está muito tenso hoje.

– Você é o único médico que recomenda cigarros para acalmar meu humor. Você realmente não segue os padrões. Não fumo há três dias, mas acho que estou precisando mesmo de um pouco de fumaça para anestesiá-lo meu cérebro.

– Então, tome logo dois, assim se sentirá anestesiado por mais tempo.

– Passa aí, tenho certeza que me sentirei melhor quando anoitecer. Se é que hoje vai anoitecer...

– Por quê? Alguma vez não anoiteceu?

– É tão comum noites brancas...

– Talvez seja assim para você que vive numa insônia permanente.

– É difícil adormecer sabendo que existe algo ruindo embaixo da terra.

– Você é mesmo um rapaz complicado, o que se move embaixo da terra que te assusta tanto a ponto de tirar seu sono? Roedores gigantes?

– Você não consegue se livrar da sua ironia mesmo, não é? Não poupa nem os amigos!

– Nem os clientes.

– É óbvio que já sou grande o suficiente para acreditar em roedores gigantes. Não é disso que estou falando, eu me refiro a parte geológica da coisa.

– Geológica? Você deve estar louco, acho que essas coisas estão mexendo com sua cabeça. O que quer dizer com isso? Você está começando a ficar incompreensível ou eu estou ficando burro?

– Não é nada disso. Ou sei lá, talvez seja, talvez esteja ficando maluco. Mas você nunca sentiu medo das placas tectônicas?

– Você está brincando! Você acha mesmo que já perdi o sono pensando no movimento das placas tectônicas?

– Por que não? Você não acha incrível imaginar que enquanto dormimos as placas estão todas lá, se movendo embaixo dos nossos corpos inertes, rindo da nossa inércia?

– Pra ser bem sincero amigo não acho isso incrível, não ligo a mínima pra essas coisas. A única coisa que me faz perder o sono é o sexo e assim mesmo só durante o ato.

– Esqueci, você é um homem prático!

– Claro, você já pensou o que aconteceria se ficasse pensando baboseiras na hora das cirurgias? Provavelmente seria um péssimo cirurgião.

– Tem toda razão, é besteira minha, sou um lunático.

– Eu sei e isso me diverte bastante.

– E o problema com sua mulher, já resolveu?

– Não sei, acho que não.

- O que está acontecendo;
- É difícil explicar...
- Vamos lá, gosto de escutar.
- Às vezes, eu acho que apenas fingimos suportar um a cara do outro e seguimos em frente, tropeçando, é claro.
- As coisas estão assim tão ruins entre vocês;
- Não sei como estão para os outros...
- Acho que todo disfarce traz a mancha do objeto disfarçado.
- Usar máscaras é mais fácil e comum do que você imagina.
- Já sei, já sei, eu sou um ingênuo...
- É isso, mas não te culpo.
- Eu sei, é uma questão de opção e eu optei por manter a cara limpa.
- Você diz isso porque é muito jovem e ainda não viveu com ninguém.
- Falando assim me sinto um adolescente e depois tenho um relacionamento bem próximo do casamento com a Anúncia.
- Você falou bem, próximo, quando casar você sentirá o quanto essa palavra pode ser traiçoeira.
- Sinto arrepios quando fala assim.

– Esquece, não quero fazer de você um cético, já basta administrar minhas descrenças.

– Também não quero deixar de acreditar, cada coisa que deixamos escapar é uma amputação.

– Acho que a minha profissão acabou fazendo com que me acostume com amputações e autópsias.

– Meu cigarro está acabando, está quase queimando a ponta dos dedos e continuo pior do que antes, acho que preciso de um médico mais otimista.

– Tem razão, ando ácido esses dias, é o mal da velhice, meu garoto.

– Então espero não envelhecer.

– Infelizmente não é uma escolha.

– Pode me dar mais um cigarro? Assim posso me distrair até em casa. Já vou indo, não quero que perca mais seu tempo comigo, deve ter um monte de clientes te esperando e eu aqui te empatando com coisas e movimentos improváveis.

– Larga de besteira, não atendo mais ninguém esse horário, meu expediente já acabou, você sabe que não faço a linha do bom samaritano. Fica tranquilo, eu gosto de falar com você, apesar de eu ser um homem prático, adoro uma ficção.

– Tá bom! Amanhã ou depois eu volto.

– Enquanto isso se cuida e cuidado com as

caraminholas.

Fui embora com um peso nos ombros. Acendi o cigarro e fui observando o desenho que a fumaça fazia no ar. Às vezes, acho que sou mais viciado nas gravuras do que na nicotina. Nas ruas todos os rostos se pareciam, embora em nenhum deles eu me reconhecesse. Era mais uma vez o velho macaco em frente ao espelho. Conversar com Paulo não me aliviava muito, ele era uma grande figura, mas nossos corpos eram feitos de uma combinação totalmente diversa de átomos, o que nos tornava praticamente seres de outra espécie. Perto dele eu me sentia um símio. Um símio que estava há milhões de anos na Terra, entretanto ainda trazia a mão dura e inábil, uma mão que ainda não sabia utilizar os instrumentos civilizatórios, os dedos longos e pouco articulados, nunca fui bom em pinçar objetos pequenos. Eu ainda produzia fogo lascando pedras. Utilizava vasos de cerâmica. Ainda me escondia em cavernas úmidas e fazia pinturas rupestres das minhas caças. Procurava adivinhar o futuro lendo as vísceras dos porcos. Sacrificava animais para amenizar a fúria dos deuses. Era inútil conversar sobre as coisas que me incomodavam, ninguém poderia levar a sério um homem que se assemelhava a um peixe, mexia a boca como um peixe desesperado, tirado há pouco da água. Ninguém poderia entender o coração oco de um ventríloquo. Os bonecos de

cores variadas distraiam a anemia das paredes. Artérias e veias se confundiam na vastidão do meu corpo. Lembro da minha perna sendo rompida por canos e todos pedindo que me acalmasse, era apenas uma ponte de safena, milhões de homens já tinham se beneficiado com esse método aparentemente invasivo. Eu estava acostumado às suturas, às trepanações, a membros que não pertenciam a meu corpo. Um ventríloquo. Tinha a impressão que às vezes a minha alma ficava presa naqueles bonecos. Outras vezes me sentia numa sessão vutu, como se todos os meus movimentos fossem controlados por uma mão invisível atrás do palco ou um homem vestido de preto para não ser visto pela plateia.

– Sabe como eu vejo a vida;

– Como poderia saber se a cada dia você é outro; Tenho a impressão que te traio com esse outro que por vezes se apossa do seu corpo.

– É como se a vida fosse uma daquelas goiabas grandes, você pega a faca, corta e dentro ela está bonita e vermelha, então você prepara seus dentes e perfura a polpa, mas na segunda mordida, você vê uma larva branca tentando escapar em meio ao desenho das sementes. E a fruta está tão irresistível que o impulso é devorá-la com larva e tudo. Você para e pensa: “Que importância tem essa larva branca e

raquítica;”

– E o que acontece; Você devora a goiaba ou o bicho anêmico vence;

– Isso é o que eu ainda não sei. Em determinados momentos acredito que venceríamos a larva, em outros acho que a larva ria de nossa cara.

– Não posso escolher por você, mas quando eu era criança, eu nunca pensava, simplesmente engolia aquele bicho branco fingindo não enxergá-lo. Hoje ainda acho que faria o mesmo.

– A infância é maravilhosa por isso, o impulso pela vida sempre ganha.

– Falando assim até parece que você é muito velho...

– E não;

– Não!

– É que você está fazendo como a maioria, medindo minha vida por anos, assim realmente eu fico parecendo um garotinho.

– E como eu deveria fazer;

– Deveria calcular levando em conta as experiências que tive.

– Talvez, mas assim é muito difícil ser precisa.

– Não quero que seja precisa, só que entenda que sou

bem mais velho do que aparento e quero que me respeite por isso.

– Você sabe que eu te respeito e admiro.

– Eu vejo além da sua cara, e isso não é bom. Eu queria boiar na superfície, como a maioria das pessoas.

– Eu não estaria aqui se você boiasse como a maioria, você sabe, o que me prendeu foi ver em você um escafandrista.

– Não sei... Será que sou mesmo um escafandrista ou apenas um louco que colocou pedras no bolso antes do mergulho?

– Um escafandrista, com toda certeza. Você me trouxe novamente à superfície, eu ainda vejo o fundo, mas de um lugar seguro.

– Eu gosto de sentir o quanto confia em mim.

– E a cirurgia, conseguiu marcar?

– Consegui sim, mas você sabe o que penso dessas cirurgias.

– De novo!

– Não quero bancar o chato, mas eu não agüento mais ficar me cortando e esperando outro nódulo aparecer.

– Mas o que o Paulo falou?

– O de sempre, a cirurgia será um sucesso, nem vai parecer que você tirou nódulos do rosto, vamos torcer para que

eles desapareçam de vez.

– Então, qual é o problema? Ele não disse que dará tudo certo?

– Sim, disse, mas você se lembra quantas vezes ele falou isso? Em todas as cirurgias ele diz que a probabilidade de reaparecer os cistos é mínima, no entanto, eles sempre reaparecem, eu quero ser mais paciente, mas está difícil.....

– Não podemos fazer nada até a cirurgia. Você tem que se acalmar, não foi você mesmo quem disse que esses cistos são de fundo emocional?

– Por isso mesmo acho improvável que eles desapareçam, é como se minha alma quisesse tomar forma, deixar de ser abstração, matéria gasosa e se transformar em algo concreto, ainda que sem nome, quisesse se apropriar do meu sangue.

– Você sabe que não me incomodo com seus nódulos, eles me parecem um mundo paralelo, planetas girando em órbita, girando em torno de você.

– Me consumindo, essa é a verdade...

– Você sabia que amanhã acontece o perigo?

– Como poderia me esquecer? Não durmo há uma semana, imaginando as placas tectônicas se movimentando embaixo do meu corpo...

– Será uma noite linda! Li no jornal que não haverá nenhuma catástrofe. Não deveria se preocupar tanto com os movimentos da Terra.

– Não me lembro dos jornais terem falado das tsunamis antes de elas ocorrerem... e depois como posso dormir tranqüilo sabendo que a Lua está mais próxima da Terra?

– Você é tão trágico que chega a ser cômico!

– Só os ignorantes têm o sono profundo.

– Às vezes, você consegue ser muito mau!

– Não é maldade, eu juro! Eu adoraria fazer parte dessa massa amorfa e homogênea, você nem imagina o quanto eu gostaria...

– Esquece isso, vamos pra cama e eu te faço ser um pouco dessa massa amorfa e homogênea... seremos uma coisa só, um monstro de duas cabeças e vários membros... hermafrodita...

A lua vagava solitária na cartografia dilacerada do meu corpo, minhas tripas doíam e eu não sabia o que fazer. Paulo já tinha me explicados milhões de vezes que eu tinha tendências a doenças psicossomáticas. No começo me assustei com a extensão do nome, mas ele me garantiu que não era nada sério, era como se meu corpo formasse pequenos nódulos para poupar minha mente. Tinha operado oito vezes, mas os nódulos

ainda apareciam nos lugares mais inusitados. O penúltimo apareceu dentro da orelha, enorme e vermelho. Anúncia gostava, dizia que era igualzinho um planeta perdido no sistema solar e não era nem preciso de um telescópio para observá-lo, me considerava um homem de sorte. Não concordava com ela, não achava agradável aquelas massas brancas e os buracos que aos poucos enfraqueciam meus músculos. No entanto, eu me tranquilizava ao escutar sua voz e suas histórias malucas de povos primitivos e místicos. Não me ajudavam em nada, mas me divertiam. Ela tinha o dom raro de remover minhas carrancas e me deixar deitado nu em carne viva e com o saco escrotal espremido entre suas unhas. Anúncia era fluída demais, eu não podia alcançá-la, era também a mulher mais surpreendente que toquei, na hora do sexo sua bacia se alargava. Escarlata. Ela dizia que deveria usar mais o escarlata e que 13 era o meu número de sorte. Ela me confundia, gostava de fazer amor na frente do espelho, de modo que eu nunca sabia se estava amando Anúncia ou sua imagem longínqua refletida no teto. Quando eu era criança, eu sonhava e imaginava que poderia trazer algum objeto desse mundo onírico, com o tempo fui percebendo que algumas coisas nunca podem ser materializadas. Era assim com ela, eu jamais poderia agarrá-la. Eu colocava a mão dentro dela e

ficava pensando nas bonecas russas que escondiam em suas vísceras outras bonecas, e no seu caso a boneca do interior era sempre maior que aquela que a antecedia, era como encontrar um monstro gigantesco ao dissecar um gafanhoto.

Quanto a mim, eu continuava caminhando descalço pelos becos, no bolso apenas duas bitucas que guardei, agora o cigarro me fazia uma falta tremenda. Sofria pelo meu pai inconsciente naquela cama, sendo desfiado aos poucos, esperando a vontade divina. Deus era um grande canibal, gostava de devorar seus semelhantes. Afinal, acho que não passamos de girinos, desova infecunda de peixes... Recordava das nossas pescarias, da época em que ele era o anzol e não a isca. Parei num bar, um bêbado ao meu lado não parava de me contar a história do jovem Sidarta.

– Ele se revoltou com seu pai quando descobriu que a morte e a velhice existiam, deixou toda sua riqueza e foi procurar a verdade.

Não pude deixar de rir. Comigo foi bem diferente, sempre vivi rodeado pela morte, me revoltar agora era um gesto de covardia. Bebi até ficar desacordado, depois voltei para casa. Já não pensava nas placas tectônicas, nem na junção dos continentes – zonas de divergência – nem sabia mais o nome do primeiro neanderthal. Agora era meu corpo que

vagava e tremia. Era um símio brincando com caleidoscópios. Só lembrava, assim mesmo sem muita certeza, que era nessa noite que acontecia o perigeu. Atrás de mim a lua era enorme e trágica. Adormeci depressa.

Acordei com uma tremenda ressaca. Não consegui comer nada, tinha um buraco no meu estomago. O trecho da música “Suicide is painless” do Nick Drake não me saía da cabeça “.....”

Coloquei minha melhor roupa e fui até a casa do meu pai. Entrei no quarto, cheirava a urina, abri as janelas, elas estavam emperradas, precisei forçar até o trinco romper a ferrugem. Peguei-o no colo e ele parecia não pesar mais do que dez quilos. Andei uns três quilômetros e cheguei ao lago da praça central da cidade. Fiquei parado alguns minutos observando os peixes e pude perceber o quanto eles eram parecidos com os ventríloquos, a cauda submersa, a boca abrindo e fechando como se fosse uma fechadura disfarçando o vazio, se misturando a guelra mítica, a mudez tão comum aos seres frágeis, a timidez que camufla peixe e rocha. Alguns peixes não andam em cardumes, são como homens no breu da noite contando paralelepípedos até a chegada assustadora do sol.

Perdi os sentidos, coloquei meu pai no lago e fiquei

olhando ele afundar aos poucos, ele foi boiando, voltando à superfície ruidosa do abismo. Então entendi o que meu pai quis dizer: “Não adianta correr, espernear, deixa o fluxo te levar...”. Era meio-dia, o sol estava forte e embranquecia o curso das águas. Retirei do bolso uma grande goiaba, dei uma mordida, depois dei outra e mais outra, é verdade, a larva estava lá o tempo todo, (suicídio is painless, eu posso fazer ou deixar de fazê-lo) não hesitei, eu a devorei como uma criança. Meu pai não fez esforço para alcançar a outra margem. Olhei de novo para cima, o sol trazia escamas. Era esse o peixe voador dos meus sonhos. O peixe que em minhas noites de vigília nunca consegui estripar. O peixe além do rio.

Sobre Márcia Barbieri

Márcia Barbieri é paulista, formada em Letras e mestre em Filosofia. Tem textos publicados em várias antologias e nas principais revistas literárias brasileiras. É uma das idealizadoras do Coletivo Púcaro e do canal Pílulas contemporâneas. Publicou os livros de contos Anéis de Saturno e As mãos mirradas de Deus e os romances Mosaico de rancores (no Brasil pela Ed. Terracota e na Alemanha pela Ed. Clandestino Publikationen), A Puta e O enterro do lobo branco (Ed. Patuá).

Entrevista com a Autora

Márcia Barbieri gentilmente cedeu uma entrevista à Appaloosa Books numa terça feira, 13 Junho, via e-mail. O resultado você confere adiante:

AP: Márcia, como foi o seu dia ontem?

Ontem, como todos os outros dias estava me culpando por não estar escrevendo e me perguntando se realmente sou escritora, quando não estou escrevendo sinto que perco um pouco da minha identidade, me sinto apenas uma peça inútil, fora das engrenagens... À parte disso, perdida entre o trabalho e a burocracia cotidiana...

AP: Seu livro "A Puta" foi considerado pelo Estadão o melhor objeto artístico de 2015. Você se considera uma puta escritora?

Não me considero uma puta escritora porque nunca ganhei dinheiro nem com sexo nem com literatura rs Deixando de lado as brincadeiras, eu considero que todo escritor está sempre em um processo de experimentação, eu estou em um novo processo de experimentação, acredito que eu ainda possa me

tornar uma puta escritora...

AP: "Só o rosto é indecente. Do pescoço pra baixo, podia-se andar nu" -- Frase do Nelson. O que cê acha da indecência?

Acho que a vida seria muito sem graça se não houvesse indecência, digo essa indecência associada ao chulo e ao pornográfico, o erotismo nos distrai do verdadeiro abismo, o que faríamos nas horas vagas se não houvesse a masturbação??? Apenas os bichos não se valem dela, embora acredito que os primatas já descobriram nosso segredo para se desviar do tédio e do absurdo.

AP: Márcia, cê lê a bíblia? Se sim, você considera a bíblia um livro indecente?

Não tenho costume de ler a bíblia, mas já li várias histórias contidas nela, e com certeza existe uma gama de histórias indecentes ali, indecentes no sentido mais amplo da palavra.

AP: O que cê anda escutando de som no seu dia a dia?

Escuto muita coisa diferente, mas nesse exato momento escuto

Vítor Ramil, um pouco antes escutava Chopin e uma hora antes, Raberuan, Edvaldo Santana, Sacha Arcanjo, os três gênios de São Miguel Paulista.

AP: Ser puta é ofício? Você seria puta?

Somos surrupiados todo santo dia, nos roubam os dias, as horas, os minutos em troca de míseros reais, terminamos a vida com tendinite, artrose, calos ou câncer nas cordas vocais. Você acha mesmo que utilizar as genitálias é menos humilhante? Por algum motivo, talvez porque o ventre é gerador da vida, se instituiu que a buceta é sagrada e enxergam com maus olhos o ofício da prostituição, eu considero a prostituição essencial, imagino o que seria do resto das mulheres se não existissem as putas para os homens descontarem suas frustrações. Eu não teria nenhum problema em ser puta, se eu tivesse um corpo bonito acho que isso teria sido uma possibilidade.

AP: Recentemente você sofreu vários processos de censura, alguns mais explícitos que outros. Chegou a ser bloqueada no facebook várias vezes devido a denúncias, sofreu injúrias e críticas quanto a carga erótica contida na sua obra. Você cre realmente que as pessoas sejam tão caretas assim ou que

simplesmente existe uma hipocrisia com o que é explícito?

As pessoas são extremamente hipócritas, não todas, claro, mas a maioria. Quando escrevi A Puta, por exemplo, não imaginava que o sexo escrito de forma crua ainda pudesse chocar, já passamos por Boccaccio, Bocage, Bataille, Genet, Anaïs Nin, Hilda Hilst.

AP: Existe puritanismo sincero?

Não acredito em puritanismo sincero. Somos todos potencialmente indecentes, caso contrário, a indústria pornográfica não lucraria bilhões todos os anos.

AP: Seu livro "Mosaico de Rancores" trás flashes de lirismo e peso cada vez mais alucinados sobre a vida, e parece ter sido escrito por alguém que tem muita propriedade quanto ao rancor. Você guarda muitos rancores?

Eu poderia dizer que eu relevo muito, mas relevar não é esquecer, eu não esqueço nunca, não sou vingativa, no entanto, quando me magoam algo muda na forma que trato a pessoa, me torno mais fria...

AP: Você pode ressuscitar alguém agora. Quem seria?

Não ressuscitaria ninguém, os mortos precisam ser enterrados, quem esteve aqui cumpriu sua missão, se foi embora é porque já não suportava o absurdo. Ninguém escreve depois de ressuscitado...

"O Exílio do Eu ou a Revolução das Coisas Mortas" by Márcia Barbieri
Edição by "Appaloosa Online Indie Publishing" 2017

www.appaloosabooks.com